

ESTRATÉGIAS DE ENSINO PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA: UMA VISÃO DE LICENCIANDOS EM QUÍMICA X LICENCIADOS.

Hadassa Rodrigues de Almeida; Iranilma Maciel Nascimento; Joellyson Ferreira da Silva Borba; Diana Sampaio Braga

Universidade Estadual da Paraíba, hadassarodrigues@gmail.com

Universidade Estadual da Paraíba, iranilmamaciel@gmail.com

Universidade Estadual da Paraíba, joellysonuepb@gmail.com

Universidade Estadual da Paraíba, dianasbraga@yahoo.com.br

Resumo: O grande desafio desse século é a estruturação de uma escola inclusiva. O papel do professor é primordial nesse processo, e esse depende e muito do seu processo de formação. A forma na qual o aluno aprende não é um ato isolado. E isso tem demandado dos professores novas estratégias de ensino-aprendizagem que permitam a transmissão do conhecimento com mais praticidade e dinâmica. Por essa razão este trabalho tem como objetivo confrontar as ideias dos graduandos em química que ainda não possuem experiência em sala de aula com aluno que tenha deficiência visual com docentes que já atuam e que possuem esses alunos com deficiência visual em suas turmas analisando assim as estratégias de ensino para uma educação inclusiva que cada um apresenta. A fim de cumprir com esse objetivo foi realizada uma entrevista com dois professores atuantes e que tem em suas turmas alunos com deficiência visual. E também foi aplicado um questionário com oito alunos do curso de licenciatura em química que já tem experiência com sala de aula, porém nunca ensinaram um aluno com deficiência visual. O principal foco desta pesquisa é reunir ideias e estratégias de ensino para uma educação inclusiva comparando o que vem sendo feito por parte dos professores atuantes com o que se planeja fazer por parte dos graduandos em licenciatura em química. Além de mostrar a importância da preparação acadêmica desses futuros professores de química do ensino básico incentivando-os a buscarem por metodologias diferenciadas que atendam essas necessidades.

Palavras-chave: Educação Inclusiva, Deficiência Visual, Estratégias de Ensino.

INTRODUÇÃO

Apesar da ênfase aplicada ao tema Educação Inclusiva, ainda há muito o que se melhorar no que diz respeito ao processo de formação de professores no tocante a suas habilidades por criar estratégias de ensino voltadas a educação inclusiva.

Segundo Alonso (2013) a Educação Inclusiva é a inserção da Educação Especial dentro da Educação Regular transformando a escola num espaço para todos, pois ao considerar que todo aluno em algum momento de sua vida escolar irá precisar de atendimento especial essa educação estará favorecendo a diversidade.

Lei nº 9394/96. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Art. 58. Entende-se por educação especial, para efeitos dessa lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais (BRASIL, 2001).

Além disso, os cursos de formação de professores devem favorecer a preparação desses docentes visando oferecer uma educação inclusiva necessária para a formação intelectual, social e moral de seus alunos. Não deixando essa função apenas para as escolas de atendimento educacional especializado.

Um professor de sala de aula regular, não pode ser diferente de um professor de inclusão, onde seja valorizado o respeito mútuo à sua capacidade e seu espaço, facilitando assim sua atuação de forma livre e criativa proporcionando a cada um, uma sala de aula criativa e diversificada, dando a oportunidade de participar das atividades adaptadas às necessidades de cada aluno, já que o professor vai ser sempre o responsável pelo sucesso ou pelo fracasso da aprendizagem dessa criança (SILVA e ARRUDA, 2014).

Para Sousa e Sousa (2016) um marco inicial para educação inclusiva como processo educacional surgiu com a Declaração de Salamanca (1994) que entre outros méritos, prorroga a inclusão para diversidade.

Inteirar-se a cerca das particularidades da deficiência é algo que deve ser previsto no processo de formação dos professores. Além disso, deve-se haver uma formação continuada onde o docente possa elucidar os conhecimentos a cerca da educação especial.

Com a divulgação da lei nº 9394/96, já citada anteriormente neste trabalho, houve um aumento na demanda da inclusão de alunos com deficiência nas escolas de ensino regular. Porém nem sempre esses alunos encontram uma escola preparada para recebê-los. No que diz respeito à deficiência visual é importante o docente tomar conhecimento de que é sua função identificar as necessidades específicas desses alunos para que haja um melhor aproveitamento do aprendizado.

Um dos segmentos atendidos pela educação especial na perspectiva inclusiva são as pessoas com deficiência visual, que de acordo com Ribeiro (2017), deficiência visual está dividida entre a cegueira e a baixa visão, que pode ser congênita ou adquirida.

A cegueira é uma alteração grave ou total de uma ou mais das funções elementares da visão que afeta de modo irremediável a capacidade de perceber cor, tamanho, distância, forma, posição ou movimento em um campo mais ou menos abrangente (SÁ; CAMPOS; SILVA, 2007).

A baixa visão traduz-se numa redução do rol de informações que o indivíduo recebe do ambiente, restringindo a grande quantidade de dados que este oferece e que são importantes para a construção do conhecimento sobre o mundo exterior (SÁ; CAMPOS; SILVA, 2007).

As causas de origem congênita podem ser diversas, tais como retinite pigmentosa, glaucoma e catarata congênita. Dentre essas causas, alguns fatores são mais frequentes como a desnutrição gestacional, toxoplasmose, rubéola, dentre outros.

Diante dessa perspectiva de inclusão a escola regular deve garantir ao deficiente visual os mesmos direitos de acesso e permanência que garante aos demais. Dessa forma o foco dessa pesquisa é reunir ideias e estratégias de ensino para uma educação inclusiva comparando o que vem sendo feito por parte dos professores atuantes com o que se planeja fazer por parte dos graduandos em licenciatura em química. Além de mostrar a importância da preparação acadêmica desses futuros professores de química do ensino básico incentivando-os a buscarem por metodologias diferenciadas que atendam essas necessidades.

METODOLOGIA

O planejamento do trabalho baseou-se em dados qualitativos e é fruto de uma pesquisa realizada através de uma entrevista com dois professores atuantes e que possuem em suas turmas alunos com deficiência visual. Um desses professores é da escola de atendimento educacional especializado e o outro é professor de química da escola regular. E ainda foi aplicado um questionário com 08 alunos de licenciatura em química da Universidade Estadual da Paraíba que não tem experiência com alunos deficientes visuais a fim de confrontar essas ideias e analisar o que vem mudando no processo de formação desses docentes. Nesse questionário encontram-se perguntas a cerca das ideias de estratégias de ensino para uma educação inclusiva que esses graduandos possam ter e ainda questões sobre os desafios que os mesmos acreditam que irão enfrentar.

A pesquisa qualitativa sugere o contato direto do pesquisador com a situação investigada, através do trabalho de campo, mas sem a interferência do mesmo, valorizando a imersão do pesquisador no ambiente natural, interagindo com os participantes (ALVES, 1991).

A tabela 01 apresenta as etapas da pesquisa assim como as atividades realizadas e seus respectivos objetivos.

Tabela 1: Etapas da Pesquisa

Etapas da Pesquisa: ESTRATÉGIAS DE ENSINO PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA: UMA VISÃO DE LICENCIANDOS EM QUÍMICA X LICENCIADOS		
Etapas	Atividades realizadas	Objetivos
Momento 01: Entrevista com professores atuantes.	Entrevista com os dois professores da educação básica que têm em suas turmas alunos com deficiência visual.	A fim de adquirir informações de como tem sido trabalhado com alunos com deficiência visual em sala de aula do ensino básico e qual o comportamento desses alunos em relação aos demais alunos na turma.
Momento 02: Questionário Aplicado à Licenciandos em Química da Universidade Estadual da Paraíba.	Aplicação de um questionário sobre as experiências como acadêmicos e expectativas como futuros professores de química na educação básica.	Utilizar o questionário para adquirir informações sobre as atividades feitas por esses licenciandos a fim de criar estratégias para um ensino com educação inclusiva.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Em um primeiro momento foi realizada a entrevista com os dois professores atuantes e que possuem alunos deficientes visuais em suas turmas. Segue abaixo a apresentação das questões e análise das respostas.

Tabela 2: 1ª Questão: Quais os recursos pedagógicos são utilizados para o processo de inclusão do aluno com deficiência visual?

Professor 01: Nós professores dependemos da nossa criatividade ou do instituto dos cegos para efetivar nossas praticas docentes, uma vez que, na escola não contem material de apoio didático-pedagógico. Os alunos utilizam o reglete braile ou o notebook para anotar o que foi escrito no quadro pelo professor. Neste caso, eles dependerão de um aluno para ditar o que foi escrito.

Professor 02: Uso do computador adaptados na sala de recursos, jogos, material confeccionados pelos professores em braile, notebook, celular, etc.

Nota-se (tabela 2) uma diferença entre os recursos utilizados, e isso se deve ao fato de os dois professores estarem em escolas com realidades diferentes. Porém os dois apontam estratégias que são utilizadas para melhor atender esses alunos.

Tabela 3: 2ª Questão: Como é a interação entre o aluno com deficiência visual com os outros alunos?

Professor 01: A interação é bastante limitada. Poucos alunos desenvolvem com eles laços de amizade.

mesma intensidade que estabelecem com os alunos que possuem a visão. O contato maior é caracterizado pela ajuda em guiá-los até outros ambientes da escola.

Professor 02: Os alunos com deficiência visual integral interagem de forma muito boa com os outros colegas de sala, são participativos e de ótima comunicação. São motivados a participarem de tudo na sala regular. No horário oposto eles têm atividade esportiva no instituto dos cegos e participam de campeonatos tanto no nível estadual como em nível nacional.

Neste quesito (tabela 3) há uma certa disparidade nas duas respostas. O que nos leva a mais uma questão: Esses alunos recebem o mesmo tipo de atenção por parte desses professores? A resposta é complexa mediante a suposição. Porém nos remete mais uma vez ao tipo de formação que esses professores tiveram o que nos induz a analisar sobre o que pode ser mudado no que diz respeito ao processo de formação dos alunos de licenciatura em química que ainda estão para concluir seus cursos.

Tabela 4: 3ª Questão: A avaliação do aluno com deficiência visual apresenta alguma adaptação? Como se é feita a avaliação?

Professor 01: Em minhas avaliações utilizo questionamentos teóricos-verbais. Pois é perceptível as dificuldades deles em responder problemas que envolvem cálculos associados ao raciocínio lógico.

Professor 02: Na maioria das vezes é feita oral, em outros casos o professor envia a prova para o instituto por e-mail para eles passarem para o braile. Os alunos de baixa visão fazem as provas ampliadas.

Observa-se neste questionamento (tabela 4) que existe sim, para ambos os professores, uma adaptação nas avaliações desses alunos. O que mostra uma preocupação por obter a avaliação correta do que de fato esses alunos absorveram.

Tabela 5: 4ª Questão: O processo de inclusão do aluno com deficiência visual apresenta muitos desafios?

Professor 01: Há muito que ser feito nas escolas públicas para termos realmente um ambiente educacional propício à inclusão de deficientes visuais. Falta impressora braile, não há material didático-pedagógico de apoio para o professor lecionar nestas condições, não existe a presença em sala de aula de um tutor auxiliando o professor, não há política de formação continuada para práticas docentes com deficientes visuais; enfim não basta matricular jovens ou adultos com cegueira total ou parcial, será necessário que a escola esteja com condições mínimas para educá-los formalmente.

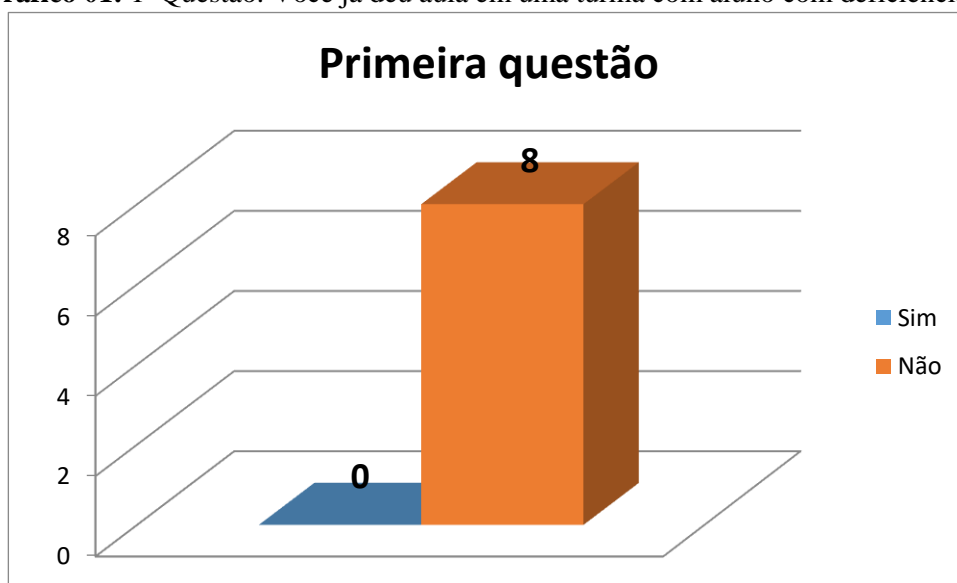
Professor 02: Na maioria não, pelo menos os alunos que estão inseridos na nossa escola. Pois os mesmos contam com a ajuda da família e do instituto. Apenas alguns casos de locomoção principalmente com os que moram fora da cidade. Sabemos que inclusão é desafiante até para nós que lidamos com essas realidades. Porém estamos na luta em reação a esse processo.

Pelo relato dos dois professores (tabela 5) o acesso a recursos que se adaptam as especificidades dos alunos e a presença de uma rede de apoio contribuem para a aprendizagem e interação social e tem um papel crucial para facilitar o processo inclusivo. Como o professor

1 está em uma escola em que essas ferramentas pedagógicas são mais escassas, este aponta um maior leque de desafios. Porém, nota-se também que esses profissionais estão juntos na luta por uma educação inclusiva.

Num segundo momento foi aplicado um questionário com 08 licenciandos em química que tem experiência em sala de aula, porém nunca deram aula para alunos com deficiência visual.

Gráfico 01: 1ª Questão: Você já deu aula em uma turma com aluno com deficiência visual?



Como mostra o gráfico acima (gráfico 01), todos os entrevistados não possuem experiência com alunos deficientes visuais.

Tabela 6: 2ª Questão: Quais recursos pedagógicos você utilizou ou utilizaria (no caso de nunca ter dado aula para um aluno deficiente visual) para o processo de inclusão do aluno com deficiência visual?

“Pesquisaria métodos na internet, como por exemplo: braille ou métodos que priorize o tato, audição, etc.”

“Adaptaria, ao máximo possível, o material didático para o sistema braille.”

“Procurarei recursos palpáveis que pudesse inseri-lo no âmbito escolar, também buscarei explorar o braille. Dependendo da aula a ser ministrada daria para buscar recursos viáveis e de baixo custo. Um exemplo a ser dado é nas aulas de orgânica o qual poderia explorar bolinhas de isopor de inúmeros tamanhos para diferenciar um átomo do outro.”

“Utilizaria principalmente materiais alternativos para produção de um conjunto de materiais em auto relevo e com diversas texturas.”

“Materiais sólidos, áudios, algum outro tipo de recursos que possa desenvolver nesse aluno o mínimo de conhecimento possível do conteúdo abordado.”

“Distanciar-se do quadro e dar-lhes objetos que possam se assemelhar ao que estou descrevendo, para ele poder tatear e ter uma ideia da aula.”

Nunca dei aula para um aluno com deficiência visual ou baixa visão, mas procuraria caso tivesse a oportunidade de trabalhar, materiais em Braille, ou materiais alternativos, nos quais eles pudessem sentir as texturas.

(83) 3322.3222

Trabalhar com materiais que forneça uma melhor acessibilidade para o mesmo (tipo com materiais em braile ou materiais que o mesmo aprenda através do tato) ajudado assim, para um melhor processo de ensino aprendizagem.

Nesse momento (tabela 06) nota-se que esses graduandos têm o pensamento de criar estratégias de ensino para atender os alunos com deficiência visual. O que já é meio caminho andado nessa crescente construção que é o processo de estruturação de uma educação inclusiva.

Tabela 7: 3ª Questão: O que você faria para melhorar a interação entre o aluno com deficiência visual e os outros?

“Priorizaria outros sentidos que não fossem a visão. Ex: tato, audição...”

“Teatro do oprimido.”

“Não sei.”

“Promoveria na sala de aula participações em grupo, discussões a respeito das NEE, demonstrando assim que todos possuem uma necessidade, e que todos têm direito a Educação.”

“Trabalharia com atividades onde os mesmos interagissem entre si, de forma, a facilitar o entendimento tanto da pessoa com deficiência quanto dos outros alunos.”

“Dinâmicas em grupos, no qual a participação de todos seja importante para obter o resultado desejado no final do jogo, sempre respeitando as limitações dos outros. Mostrando que todos são capazes.”

Buscarei deixar a aula dinâmica, envolveria jogos em que os alunos tivessem uma maior interação e comunicação com os demais alunos.

“Dependo da idade, colocar os próprios alunos para fazerem trabalhos em grupo com aquele aluno, para que o mesmo interesse e aprendesse com os colegas e não visse a deficiência como uma limitação para o crescimento educacional.”

No quesito três (tabela 07), apesar de uma pessoa responder que não sabe, já pode-se observar a maturidade desses licenciandos quanto ao que fazer para melhorar a interação entre os alunos, já conseguem apontar possíveis estratégias que estreitam os laços de amizade entre os alunos. Onde um desses graduandos ainda menciona o termo Necessidades Educativas Especiais –NEE demonstrando estar inteirado sobre esta temática.

Tabela 8: 4ª Questão: A avaliação do aluno com deficiência visual apresentaria alguma adaptação? Como seria?

“Sim, com certeza. Devemos tratar os diferentes de forma diferente. Escrita em braile, etc.”

“Daria um foco maior para questões avaliativas do tipo discursivas e daria opção ao aluno de ter uma avaliação oral ou escrita.”

“Não. A avaliação seria feita como qualquer outra pessoa sem deficiência. O que seria adaptado no caso seriam os materiais para que esse aluno compreendesse o que fosse pedido.”

“Sim. Deverá ser diferente, podendo ser em braile, ou com outras atividades que possam ser desenvolvidas através do tato, audição, dentre outras.”

“Sim, prova oral com manuseios de materiais sólidos adotados para o respectivo aluno.”

“Menos textos e questões escritas em braile.”

“Seria braile com o auxílio do professor capacitado.”

“A prova a ser aplicada seria em braile, depende do desempenho desse aluno poderia sofrer modificações, porém uma vez que as aulas trariam recursos palpáveis, poderia desconsiderar possíveis adaptações. Além de aplicar uma avaliação contínua.”

Nota-se (tabela 8) que há um consenso entre os discentes do curso de química sobre a necessidade de adaptação destas avaliações e estes se reportam a diferentes métodos para isso: utilização de materiais sólidos, desenhos em alto relevo, conversão ao sistema braile, e em dois casos foi mencionada a possibilidade de modificar a abordagem de conteúdos priorizando os aspectos teóricos em detrimento dos cálculos. Demonstrando conhecimento e várias opções de adaptação dessas avaliações. A única ressalva é que esta decisão precisa ser feita pautada nas particularidades do aluno atendido, já que mesmo dentro do grupo da deficiência visual existem diferenças.

Tabela 9: 5ª Questão: O processo de inclusão do aluno com deficiência visual apresenta muitos desafios? Dê sua opinião.

“Com certeza. É dever do professor dar o seu melhor para mediar o conhecimento. É preciso sair da sua zona de conforto, de sair do ensino tradicional e escolher outros métodos que favoreça a inclusão do alunado.”

“Sim. Uma vez que até mesmo para entender as limitações presentes no cotidiano do aluno seja difícil.”

“Sim, a primeira delas é o fato de muitas vezes o professor não se sentir apto a ensinar para aquele aluno, pensando ele que sua deficiência poderá limitá-lo, a segunda falta de recursos materiais.”

“Sim, é difícil por causa da falta de preparo de muitos profissionais.”

“Sim, pois não é em todas as escolas que encontramos uma boa estrutura para receber e trabalhar com essas pessoas que apresentam esse tipo de deficiência e quando encontramos em algumas, a escola mal apresenta professores qualificados para saber lidar com a situação.”

“Sim. Principalmente por que a própria instituição que recebe esses alunos não está preparada para trabalhar com esses alunos, e até mesmo os professores que não possui uma formação continuada. Para se trabalhar com esses alunos.”

“Sim, pois muitos professores, principalmente de cidade pequena, não têm um conhecimento nem a prática de inclusão desses alunos aí fica bem mais complicado de se trabalhar.”

“O processo de inclusão é bastante desafiador uma vez que dependerá muito da criatividade do professor. Infelizmente muitos profissionais no mercado não tem preparação para receber esses alunos, além dos nossos governantes não proporcionam cursos de preparação para professores. Em minha opinião as universidades deveriam investir cada vez mais na preparação dos professores, dando suporte necessário para que os futuros profissionais saibam lidar com o processo de inclusão.”

É notório (tabela 9) que esses alunos da graduação de química estão inteirados dos desafios que existem nesse processo de inclusão. Alguns deles chegam até mencionar os déficits das escolas em relação a suas estruturas, porém os comentários desses licenciandos mencionam sobretudo a necessidade da oferta de cursos de qualificação e mostram-se dispostos a contribuir com essa luta que é a estruturação dessas escolas inclusivas.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa permitiu reunir importantes opiniões e possíveis estratégias que poderão facilmente ser seguidas para que cada professor venha a contribuir com essa luta que é a estruturação dessas escolas inclusivas.

Este trabalho também contribuiu para a percepção crítica dos entrevistados a respeito do processo de inclusão. Refletir a cerca das estratégias de ensino para uma educação inclusiva nos permitiu sonhar e lançar sementes e desafios à frente das necessidades que envolvem a educação inclusiva em seus diferentes contextos. Contribuiu ainda para uma reflexão clareada na qual os professores são sujeitos ativos na constituição de uma melhor qualidade de vida e autonomia no dia a dia desses alunos deficientes visuais. Pois apesar da compreensão da necessidade da inclusão social no ambiente escolar infelizmente sua efetivação não é concretizada totalmente, em função da ausência de recursos adequados e de uma rede mais sólida de apoio.

Com relação aos discentes do curso de química percebe-se a presença de um respaldo teórico sobre o processo de inclusão do aluno com deficiência visual como referências a possíveis ferramentas que podem ser utilizadas no ensino de química, no processo de avaliação e na promoção de uma maior interação social entre os alunos, estes dados podem sinalizar uma melhora na formação acadêmica dos discentes no que diz respeito a educação inclusiva.

Para finalizar, acredita-se que esta pesquisa cumpriu com seus objetivos e colheu bons frutos no tocante às estratégias de ensino e reflexão acerca da educação inclusiva nas escolas regulares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALONSO, Daniela. **Os Desafios da Educação Inclusiva: Foco nas Redes de Apoio.**

Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/554/os-desafios-da-educacao-inclusiva-foco-nas-redes-de-apoio>>. Acesso em 31 jul 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Brasília: MEC/SEESP, 2001.

SILVA, Ana Paula Mesquita da; ARRUDA, Aparecida Luvizotto Medina Martins. **O Papel do Professor diante da Inclusão Escolar**. Disponível em:

<http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes_pdf/educacao/v5_n1_2014/Ana_Paula.pdf>.

Acesso em 01 ago 2018.

SOUSA, Ana Cleia da Luz Lacerda; SOUSA, Ivaldo Silva. A inclusão de alunos com deficiência visual no âmbito escolar. **Estação Científica (UNIFAP)**, Macapá, v. 6, n. 3, p. 41-50, set./dez. 2016.

RIBEIRO, Larissa Oliveira Mesquita. A Inclusão do Aluno com Deficiência Visual em Contexto Escolar: Afeto e Práticas Pedagógicas. **Revista Educação, Arte e Inclusão**. Vol 13, Nº 1, Jan./Abr. 2017. ISSN 1987-3178.

ALVES, A. J. O Planejamento de pesquisas qualitativas em educação. **Caderno de Pesquisa**, São Paulo, n. 77, p. 53-61, maio 1991.

SÁ, Elizabet Dias de; CAMPOS, Izilda Maria de; SILVA, Myriam Beatriz Campolina. **Atendimento Educacional Especializado – Deficiência Visual**. SEESP/SEED/MEC. Brasília/DF – 2007.